

CARTA INÉDITA DE KARL VOSSLER  
A FILIPPO TOMMASO MARINETTI

---

Carissimo Marinetti,

ho dato ordine al mio editore che vi spedisca una copia del volumetto che vi interessa. Ma sarà una delusione per voi, perchè il futurismo vi è considerato solo come il punto finale d'un movimento che comincia col romanticismo, non come principio d'un altro movimento. Insomma, vi è giudicato, mi dispiace doverlo dire, passatisticamente. Infatti, mi pare che c'è qualche cosa nel futurismo che è già passata, già morta ossia nata morta ed è specialmente quell'umorismo ironico e giocarellone dinnanzi alla realtà, cosa stantivissima [i.e. ultra-rançosa] che si trova tale e quale nei romantici specialmente tedeschi; vi si trova come teoria e programma nello Schelling e come arte e stile negli Schlegel, Hoffman, ecc.

Io sono profondamente convinto che la vita è tutt'altra cosa che un gioco, cioè *credo* alla vita e la prendo terribilmente sul serio. Vedo che anche nel futurismo c'è il lato serio, cioè vitale, ed è, prima di tutto, il tedio che voi provate contro gli esteti e dilettranti, contro gli Anatole France e i D'Annunziani; e se c'è qualcosa che riesce ad ammazzarli e seppellirli —cosa difficile assai— credo che siate voi. In questo lavoro di distruzione ci può essere e sta benissimo il più feroce umorismo, la più sarcastica ironia, i più divertenti calci. Ma se ve la pigliate con qualsiasi cosa vecchia e perfino con le biblioteche, non ci sto più. La vita moderna è un albero che deve spingersi sempre più in alto e appunto perciò deve sprofondare le sue radici anche più forti nel suolo della tradizione, del passato. Noi professori di storia siamo i tacchi nascosti sotterranei fili e filetti succhianti e poppani della radice. E in voi futuristi stessi c'è una tendenza al ricorso storico, alle arti primitive cosidette preistoriche, specie nella pittura. Nel programma e tentativo vostro delle parole in libertà e dell'immaginazione senza fili vi è un ritorno ad un genere d'arte che ha dell'antediluviano (sia inteso in senso buono). Ed è appunto questa primitività della vostra arte che me ne sembra il migliore augurio.

Tornate pure all'arte dei negri e dei gorilla, non sarà male. Voi dite per giustificare il vostro stile che il poeta e il pubblico son amici vecchi che s'intendono con un cenno, senza sintassi, senza filii, senza ragionamenti. Ciò è vero per lo stato primitivo che volete ripristinare. Ed è anche vero che il lirismo puro non ha bisogno di prospettive temporali nè di proporzioni spaziali. Se c'è un torto nel vostro programma è di essere un programma, cioè di darsene la sembianza. La tecnica non si può proclamare; ogni poeta deve trovarsela ed inventarsela da se. Ma in fondo il vostro programma è una poesia, è un canto anch'esso, un canto sopra un canto. Le teorie contenute in un canto non si discutono, si gustano. Ecco quanto saprei per ora dirvi. Può essere che un giorno o l'altro io scriva un articolo interpretativo sul Futurismo. Ma finora le mie idee non sono ancora abbastanza nette e sobrie. Perchè bisogna essere molto sobrio per poter interpretare gli entusiasmi, i misticismi e le ebbrezze del vostro movimento. Finora mi pare che nessuno abbia raggiunto questa sobrietà e voi stessi, come è naturale, meno di tutti poichè il poeta è a se stesso il più ineffabile enigma.

Abbiatemi vostro,  
K. Vossler

Jordana Gonçalves Leão<sup>1</sup>

Em 1941, o então padre Helder Camara é convidado por Dom Sebastião Leme, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, para lecionar nas Faculdades Católicas, sob a direção do padre Leonel Franca. A partir do ano seguinte, assume as disciplinas de didática geral e administração escolar. Seguindo ainda o conselho do cardeal, passa também a lecionar psicologia para as professoras da Faculdade de Letras do Instituto Santa Úrsula.

É nessa instituição que o padre Helder conhece uma aluna que viria a se tornar especial. Anos mais tarde, ele mesmo recorda: “no primeiro grupo de estudantes que conheci havia uma jovem. Bem, não era tão jovem. Que se chamava Virgínia Côrtes de Lacerda”<sup>2</sup>. Virgínia torna-se para ele muito mais que uma aluna. “Em seguida compreendi que estava diante de uma inteligência privilegiada, inclusive, diria, rara. Lia os clássicos gregos diretamente em seu texto original. Eurípides, Sófocles...”<sup>3</sup>. Eles trabalham e estudam juntos, desenvolvendo o hábito de ler e reler tudo o que lhes parece capaz de propiciar uma ascensão espiritual e cultural.

Os encontros diários com o “padrezinho”, realizados após a missa das seis da manhã, celebrada por padre Helder na Escola de Enfermagem Ana Nery, inspiram Virgínia a organizar reuniões onde tais experiências possam ser compartilhadas com outras pessoas. Nesses encontros, realizados às sextas-feiras à noite, na casa de Virgínia, são promovidas sessões de músicas, poesias, leituras e reflexões espirituais, tudo visando a um verdadeiro “processo de ascensão”. Desses encontros surgiria o grupo que, posteriormente, veio

<sup>1</sup> Graduanda em História pela UFPE, orientanda do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques – Coordenador do Projeto de Publicação das Obras Completas de Dom Helder Camara.

<sup>2</sup> BROUCKER, José. *Dom Helder Câmara. Las conversiones de un obispo*. Santander: Ed. ‘Sal Terrae’, 1980. p. 104.

<sup>3</sup> Idem.

a ser chamado por Dom Helder de “Família Mecejanense”, não somente um grupo de colaboradores, mas também uma família de fato, formada ao longo de trinta anos de reflexão espiritual e ações. Chamado originalmente de “Apostolado Oculto”, as energias desse grupo expressaram-se através da Cruzada de São Sebastião, do Banco e da Feira da Providência. Aglaia Peixoto, Cecília Monteiro, Cecília Arraes, Marina Araújo, Marina Bandeira, Carlina Gomes, Maria Luiza e Edgar Amarantes, Nair Cruz, Hilda e Virgínia compõem um quadro bastante variado de profissionais e intelectuais, que estabelecem com Helder uma profunda relação de troca<sup>4</sup>. É neste exigente convívio que se forma o homem e o pastor que viria a ser o principal idealizador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952, o organizador do Congresso Eucarístico Internacional de 1955, quando foi criado o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), um articulador importantíssimo no Concílio Vaticano II (1962-65), o “Artesão da Paz”, uma pessoa que lutou em prol dos “pequenos”... Em entrevista, Marina Bandeira nos fez as seguintes declarações acerca desses encontros: “Comecei a freqüentar o grupo e fui, evidentemente, conhecendo Dom Helder, porque a [sua] sala era ao lado. E no fim de alguns meses, acredito que ainda em 1954, o grupo, Aglaia e todo o outro pessoal que vocês conhecem já de nome e o próprio Dom Helder, me convidaram para participar das reuniões sexta-feira à noite, oito horas, coisa assim, na casa de Virgínia Côrtes de Lacerda, já na Rua General Polidoro”<sup>5</sup>. Ainda sobre esses encontros, Dom Helder, em Carta Circular de 16/17 de janeiro de 1972, destinada à Família Mecejanense, faz o seguinte comentário: “como esquecer a casa de Virgínia, na São Clemente, onde, durante anos, nos reunimos às sextas feiras e onde se foi consolidando nossa Família que, um dia, eu chamaria de Mecejanense”<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Energia capaz de promover até hoje a continuidade desses encontros – de estudos, leituras e reflexões – e dos trabalhos idealizados nos anos 50, como o Banco e a Feira da Providência.

<sup>5</sup> As palavras de Marina Bandeira foram retiradas de uma entrevista gentilmente concedida na Igreja das Fronteiras (Recife – Pernambuco) em 22.11.2002. É válido salientar que as expressões aqui apresentadas são frutos do calor da hora e não foram submetidas a qualquer revisão.

<sup>6</sup> 344ª Carta Circular. Recife, 16/17.01.1972, p. 2.

A afinidade intelectual do padre Helder e Virgínia se destaca em meio ao grupo, como assinala Marina Bandeira: “Eu sei, e vi, constatei, que havia uma afinidade muito grande entre Dom Helder e Virgínia Côrtes de Lacerda, especialmente uma afinidade intelectual, conhecimentos, livros que liam e comentavam. Isso eu posso dizer com tranqüilidade porque eu me lembro”.

A novidade e importância básicas deste ensaio consistem no resgate da afinidade intelectual entre Dom Helder Camara e Virgínia Côrtes de Lacerda, reconstruído através de uma fonte inesperada, os escritos e os grifos às margens dos livros da biblioteca pessoal de Dom Helder. Um material absolutamente inédito e surpreendente, cuidadosamente assinalado e datado por ambos de 1944 até a morte de Virgínia em 1959, que nos abriu a possibilidade de refazer preciosos passos de tal afinidade. Seguindo a trajetória que os livros nos propõem, com os seus escritos e grifos, torna-se possível revelar quão marcadamente profunda foi à relação estabelecida entre Helder Camara e Virgínia Côrtes de Lacerda, no tocante à formação religiosa, cultural e, sobretudo humana.

Até o momento foram identificados 46 livros, representativos dos mais variados temas: espiritualidade, educação, psicologia, filosofia, literatura, etc., cujas anotações se nos apresentam com diversas facetas: como memórias, diários ou o trabalho árduo de co-autores completando a criação.

Em *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine*<sup>7</sup>, por exemplo, encontramos anotações que nos permitem identificar o hábito da leitura e releitura, análise e co-autoria de livros, que para eles são muito mais do que fontes de conhecimento. *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine* é uma obra lida em três tempos: em março de 1944, em maio do mesmo ano e em março de 1946, desta vez apenas pelo padre Helder. É válido e de suma importância salientar que os escritos dispostos nessas fontes historiográficas não se encontram assinados por Helder Camara e Virgínia Côrtes de Lacerda, mas sim pelos pseudônimos de Pe. Albertus e Caecilia. Um hábito comum à Família Mecejanense, que coloca para o historiador a árdua tarefa de identi-

<sup>7</sup> HALÉVY, Daniel. *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine*. Paris: Éditeur Bernard Grasset, 1941.

ficar os verdadeiros personagens, através de um cuidadoso processo de análise e comparação das informações contidas nesses escritos. Entrevistando as pessoas que compunham a “Família Mecejanense”, recebemos sempre a mesma resposta negativa à questão: “quem foram padre Albertus e Caecilia?”. Isto nos mostra que até em meio aquele grupo seletivo e íntimo havia uma afinidade particular e reservada entre Helder e Virgínia.

Na obra de Daniel Halévy, na página 32, encontramos uma dessas impressionantes facetas do intercâmbio entre padre Albertus e Caecilia. Em referência à citação: “Il me faut de l’argent, disait Péguy, pour la grève de...”, um comentário do Pe. Albertus em março de 1944, “Parece incrível que o amor aos operários me tenha feito liderar três greves...”, abre margem para o seguinte diálogo: “Mas se você nasceu para liderar...”. E Albertus retoma: “Nasci para viver o destino eterno da proporção ideal!”. “Isto não o impede de liderar. Gosto de vê-lo admirado, amado, seguido...”, salienta Caecilia. Em maio de 1944, Albertus em uma releitura faz a seguinte advertência: “Cuidado! Não esqueça a página 114”. E Caecilia retoma: “Que mal há em gostar do sucesso quando endereçamos telegramas ao dono dos mesmos. Já esqueceu?”. Albertus responde: “Dia 9.5.44. Não esqueci. Posso acrescentar que o Bom Deus caridosamente se incumbiu de humilhar-nos o convencimento e o amor próprio”. A lembrança da página 114 é uma referência ao seguinte diálogo estabelecido em março de 1944: “Um mistério que me preocupa: ou eu não sei julgar ou...???? O Padre Albertus ama o sucesso! (Perdoa?)”, diz Caecilia. Ao que Albertus retoma: “Pedir perdão por cumprir seu dever? Só entendo amizade como encorajamento mútuo para a perfeição. Obrigado, Caecilia. Vou velar, com a graça de Deus...”. “Velar? Os seus sucessos são abençoados!”, enfatiza Caecilia. Na segunda leitura, em maio do mesmo ano, padre Albertus dá continuidade ao diálogo: “Dia 9.5.44. É preciso que não se transformem em maldições para mim”. E Caecilia prossegue: “Não diga isso, Frei Jacoba é quem pede”. Dois anos mais tarde, Albertus retoma com a seguinte colocação: “Assuma de vez (13.3.46) o encargo sagrado de dar-me avisos de salvação. Fale em nome de Deus, para bem da P.I.”.

Há momentos em que Virgínia se apresenta como uma espécie de conselheira de Helder Camara, e outros em que a afinidade

intelectual os leva a combinar sonhos e projetos. Na página 43 da mesma obra, o seguinte comentário se estabelece em março de 1944: “Como esses encontros nos ajudam a viver!”, enfatiza Caecilia. E Albertus completa: “Sabe que, dia a dia, tenho mais ânimo de viver? Por que será...”. “Porque está ascendendo!”, exclama Caecilia. E Albertus completa: “Gratia Dei per Caeciliam!”. “Sempre esteve ascendendo!”, retoma Caecilia. Em maio de 1944, Albertus retoma: “Dia 9.5.44. O sinal da ascensão é o sofrimento. Daí, eu ficar satisfeito quando o Bom Deus começar a arrancar-me...”. Ao que Caecilia completa: “Mas não o sofrimento imaginário, sem causa”. Em 1946, mais uma vez Alberto volta-se para os comentários: “Na hora mesma em que você falava em ascensão eu me encarregava de provar o contrário, trazendo à baila sofrimentos imaginários (12.3.46)”.

Na página 41, falam de futuras publicações: “Conheço quem pode falar assim quanto ao estilo...”, diz Albertus. “Gosta mesmo, assim tanto? É seu”, salienta Caecilia. “Então escreva ‘Raízes’... Nem que seja só para mim...”, retoma Albertus. “Vou tentar...”, diz Caecilia. “Que alegria!”, exclama Albertus. Em 1946, Helder Camara retoma as anotações com a reflexão: “Um dos nossos inúmeros projetos! (12.3.46)”. E na página 168, em referência a André Gide, os comentários do padre Helder mostram-nos a importância de Virgínia em sua vida enquanto grande intelectual: “Que bela a interpretação de Gide! Quando vem *La porte étroite*?”. “Porque não me disse que já conhecia? E não pediu emprestado a Haydée? Mas... vou mandar: com anotações”, comenta Caecilia. Ao que Alberto retoma: “Não considero lidas as obras literárias que estiveram em minhas mãos no período pré-caeciliano. (Seria mais exato dizer: anterior à manifestação caeciliana)”.

Os caminhos percorridos por padre Helder e Virgínia Côrtes de Lacerda têm como fonte inspiradora a vida de São Francisco de Assis, personagem à qual dedicam comentários, reflexões e leituras incontáveis. Na *Lenda dos Três Companheiros: A Vida de São Francisco de Assis Narrada pelos seus Discípulos irmãos Leão, Rufino e Ângelo*<sup>8</sup>, Virgínia, em julho de 1944, como que fulgurada pela afir-

<sup>8</sup> CUNHA, Nilson Carneiro da (Trad.). *Lenda dos três companheiros: A vida de São Francisco de Assis narrada pelos seus discípulos irmãos Leão, Rufino e Ângelo*. Rio de Janeiro: Stella Editora, 1943.

mação: “*Renuncie a si mesmo aquele que me quer seguir*”, faz o seguinte comentário, às margens da página 59: “A mais difícil das renúncias. Mas foi a que fez Francisco, a que construiu nele o Cristo”.

Em *A L' école de saint Benoît*<sup>9</sup>, página 71, um diálogo bastante precioso firmado em fevereiro de 1944, elucida a importância destas leituras para Helder e Virgínia: “Ensine-me a rezar!”, propõe Virgínia. E o padre Helder responde: “Diga primeiro como é que você reza. Que se passa com o seu espírito durante a oração?”. Virgínia completa: “Abro, em silêncio, meu coração. Mas fico receando estar rezando comodamente. Mas tenho menos caridade, quando repito de cor as orações costumeiras, ou mesmo quando rezo o Terço, todas as noites... Penso que estou em oração o dia todo, porque não separo o que faço do *serviam* a Deus. Estou em oração quando leio e anoto livros. Certo?”. “Como somos irmãos! Não rezo de outro modo. E é a oração ideal. Mais que oração: espírito de oração!”, exclama Helder.

Para além dos livros, dos caminhos da educação e da religiosidade, a afinidade existente entre Dom Helder Camara e Virgínia Côrtes de Lacerda é evidenciada através das correspondências que trocam durante anos, entre as quais figuram as *Meditações do Padre José*, meditações e reflexões escritas por Helder em suas Vigílias e entregues à Virgínia todas as manhãs após a missa na Ana Nery.

Será, pois, através desta documentação inédita, depositada no Centro de Documentação do Instituto Dom Helder Camara (CeDoHC - IDHeC) localizado no Recife ao lado da Igreja das Fronteiras, onde Dom Helder morou por mais de trinta anos, que propomos reconstruir os rumos dessa “ascensão”.

<sup>9</sup> GORCE, D. A. *L' école de saint Benoît*. Paris: Bloud e Gay, 1935.

